



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XV — N.º 369 — Preço 1\$00  
3 DE MAIO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

## Facetas de uma Vida

### Duas palavras à cerca de duas coisas

Aqui em casa, além de sermos todos bons rapazes, bons estudantes e bons seminaristas, somos também hidrófobos: desconfiamos da virtude da água fria. Apanhamos o mal nas tábuas do berço e a cura radical é muito difícil.

Os nossos irmãos, quando entram pela primeira vez as portas da diocese debaixo dos saquitos vermelhos, desconfortados, ladinos, com botas das feiras, arrebitadas, compradas a olho — trazem todos o cheiro característico de roupa lavada em corpo sujo. E nos primeiros tempos, com os primeiros estudos, a petizada das colónias, no que diz

Continuação do número anterior

respeito a cheirar mal, é simplesmente irrepreensível!

O mês de Maio traz-me sempre grandes arreliações: o susto do sermão, as cólicas dos exames e o cheiro da comunidade.

Subimos agora à casa velha. Mudamos de ares; mudamos de ideias; mudamos de voz e alguns não mudam de hábitos!

Somos hoje homens feitos, tallados para sorrir às gentes, ouvir lamúrias, abraçar desgraças e o povo que nos procura, antes de nos ver a alma, foge, vendendo-nos o corpo! Um pataco de sabão e de boa vontade remediava

este mal; água, essa temo-la em abundância, vinda das serras, nos chuveiros das prefeituras. Somos hidrófobos; desconfiamos da virtude da água fria!

Numas férias do Natal, fiquei com um doente da 4.ª prefeitura. Um dia, de manhã muito cedo, abri a porta de mansinho e aproximei-me do leito. O rapaz, com os lábios queimados, enroscado nas mantas, gemeu uma enxerga, dura, uma noite comprida, febril, dolorosa, e «estava sequinho — disse ele — como os milharais em Agosto!» Eu, dantes, quando morava nos trópicos e tinha maletas, sonhava sempre com coisas frescas: rios a transbordar; gelo a despenhar-se dos montes; canecas de neve nos lábios... e ao acordar despejava a bilha de barro que dormia comigo ao alcance da mão. Pois o nosso José Pereira, que era o ilustre doente de quem eu fui ilustre enfermeiro, não sonhou. Tinha-a ali viva, fresquinha, debaixo dos olhos, no barro da cântara... e não bebeu! Que grande suplicio!

Depois bebeu e com um ai de consolado, verificou que matara a sede e a febre com aquela pancada de água.

Somos hidrófobos!  
Já aqui foi anunciado um balneário, nas Catacumbas. (1) Que os meus dias vejam essa obra e o meu corpo se regale com o jacto frio das águas do Mondego; mas eu cuido que, se o banho não entrar na ordem do dia, pode o balneário ter a magestade dos de Caracala ou Deo-

Cont. na 4.ª pág.



Vila da Povoação — Açores.

## Agora

O Património é isto. Isto que esta carta revela. Coisas do íntimo das almas. Conversões profundas e sérias que rebentam as fontes do amor ao próximo, guardadas no coração do homem que ama a Deus.

«Isto é daquela que se propôs dar 10 por cento do seu trabalho em favor do Património. Como disse da última vez que mandei, ficava em débito com todo o ano de 1956 que são 929\$30 mas como o trabalho tem sido muito pouco, segue-se que ainda não pude liquidar a dívida que tanto me pesa, mas que com Deus é a única. Para não sobrecarregar mais, envio o pouco deste primeiro semestre de 1957: Janeiro 78\$20, Fevereiro 53\$, Março 20\$, Abril 90\$, Maio 5\$ e Junho 26\$70. Queira receber meu Padre os cumprimentos e desejos de muitas felicidades extensivas aos seus numerosos filhos,

duma pobre pecadora.»

P. S. — Tantas coisas me aconteceram, que só agora Deus sabe com quanto sacrificio, venho a mandar. Julho 72\$, Agosto 87\$50, Setembro 30\$, Outubro 34\$, Novembro 91\$ e Dezembro 41\$50. Total 628\$90.

Renovo as minhas saudações já em 1958».

O Património é isto. Uma coisa única na eficácia e na aceitação de todos por força da sua génese. Por força dos seus alicerces de amor e sacrificio. Quem confundisse ou, de qualquer modo, contribuisse para a confusão do Património com outros processos de resolu-

Cont. na 2.ª pág.

## Nós vamos ao Coliseu

Senhores clientes da Tipografia, atenção. Fora os trabalhos de muita urgência, o melhor é reservar o possível para depois do dia 22 de Maio.

É o Coliseu. É o Júlio daqui pró Porto e do Porto práqui. Ele os cenários. Ele a propaganda. Ele as licenças. Ele os bilhetes.

Que, de bilhetes, apesar de faltar um mês certinho à data em que escrevo, é já uma roda viva. Até eu já tenho sido portador deles e de pedidos deles!

Ainda há pouco uma carta com reserva de 40 lugares; tantos quantos a lotação da camionete que, algures nos arredores do Porto, querem fretar aquela noite. Eu estou a ver que vai ser pior que para o hoquei em patins!

Os ensaios aqui em casa são a palavra do dia. Nós, nem mudamos ainda pró horário do verão por causa deles. É o ensaio do grupo cénico. É o ensaio do orfeão. São os solistas. E é o ensaio da massa. Sim, porque a Festa é a Casa do Gaiato posta no palco do Coliseu! Não há figurantes. Todos são vedetas. E, enquanto a nota dominante seja a espontaneidade, a simplicidade, não podemos deixar de prever o que se vai passar, para que a confusão no palco não ultrapasse as medidas.

O autor principal do texto e da contextura da Festa — já se disse — é o Daniel. Mas há muitos outros autores. Quem tem uma «fala» a dizer, tem de a escrever. Assim os actores-autores têm de ser forçosamente sinceros na representação. Parece que não se poderia conseguir uma fórmula mais simples e mais autêntica de viver num palco o dia a dia da Casa do Gaiato.

E eu não digo mais por hoje. Antes da festa nós não podemos oferecer mais que aperitivos.

O prato forte é depois. Espera-se que ninguém fique com fome!

E os senhores já sabem, não se desleixem. Olhem que o Coliseu não chega aos 4.000 lugares!

Outrora Paulo de Tarso, incendiado pela mensagem nova da doutrina cristã ensinava aos seus contemporâneos o dogma da comunicação dos santos. Depois dos ensinamentos, os renovados por estas verdades revolucionárias desprendiam-se do superfluo e, tantas vezes, do necessário, para valerem aos irmãos dominados pela miséria. Era o Apóstolo o portador destas esmolas e o seu distribuidor.

Como há dois mil anos assim hoje também, os que alimentam o espirito deste renovo sempre actual vêm trazer às nossas mãos de mendigos a sua esmola mais ou menos heroica e à nossa alma de apóstolos o calor comunicativo desta revolução cristã. Comu-

## SETUBAL

nicação é o termo; a nossa miséria é o eixo, a ponte, o canal. Uns vêm pedir bens de toda a ordem, outros trazer riquezas, cujo valor não é dado ao homem apreciar com justiça.

A caridade é sempre nova! «Nunca acaba!» Nós damos testemunho: «Para maior comodidade das «Senhoras Costureiras», e, na esperança de quanto maior comodidade maior produção junto envio oito cadeiras». Quem quer vir tomar o gosto de se sentar nestas cadeiras?

Dois enxergões de noivado vêm acomodar as nossas camas. Não é tanto pelo valor material, é pela fineza de alma que isto revela!

Setúbal não quer que compremos café. Há um grupo de amigos que se comprometeram e comprometem outros. «A Sopeninha» levantou o brado, os «Armazens de Manuel Maria Soares, L.da» aumentaram-no e agora os do «Fomento do Sado» continuam-no. Dão do melhor, não nos fazem esperar, não se aborrecem, não usam diplomacias, espelham franqueza, lealdade, verdade, alegria! É assim a caridade! São assim os cristãos!

Um senhor Terrano trás 70\$.  
Cont. na 2.ª pág.

# A G O R A

Cont. da pág. UM

ver os problemas de habitação, estava a desacerter bem desagradavelmente, bem perigosamente para a Nação. Que o Património, mais do que casas move consciências, desperta de letargias prolongadas, supostas incuráveis. O Património é uma ideia-fermento. Não faz apenas o que faz, mas sobretudo o que leva a fazer.

Esta carta de uma pobre mulher que trabalhou todo o ano de 1956 por 9.293\$00 e todo o de 1957 por 6.289\$; e que se propôs o pesado imposto para ela de 10%; e que assume, livre, amorosamente, o compromisso; e se apresenta desculposa pela «dívida» — esta carta, digo, é um documento que atesta uma vitalidade social ainda não perdida de todo, graças a Deus.

Nós temos diante dos olhos reversos desta medalha. Homens que ganham por dia, tanto, ou quase tanto como esta Mulher, num ano de trabalho, aliás incerto («como o trabalho tem sido muito pouco...») Homens que têm nas mãos a subsistência de centenas ou milhares de famílias. É espantosa a inconsciência com que eles guiam a sua máquina económica, em função do lucro para eles ou para a minoria, na insensibilidade plena da sorte de tantos que são factores da sua prosperidade. Tantos que se julgam desquitados por umas esmolas avulsas, quando o que a sociedade espera deles e lhes pede não são esmolas, mas justiça e alguma coisa que diga de fraternidade universal dos homens em Jesus Cristo.

A Mulher que subscrive esta carta é um padrão, a dizer ao mundo que ainda há heroísmo («Tantas coisas me aconteceram, que só agora Deus sabe com quanto sacrifício venho a mandar.»); que ainda há consciência («Isto é daquela que se propôs... Como disse da última vez que mandei, ficava em débito...»); que ainda há Humildade («Queira receber... os cumprimentos e desejos... de uma pobre pecadora»).

Isto é o Património dos Pobres. Uma palavra de Vida e de Justiça que o Senhor disse a Pai Américo em dia feliz para um mundo que enfraquece à mingua de ser Reino de Deus.

...

Mais trabalhadores enfileiram. Caras conhecidas... quase todos.

O Pessoal do Grémio de Panificação com 197\$50 e 200\$. A Casa Cândidinha e seu pessoal com duas vezes 400\$. O que sacrifica ao tabaco 20\$ por mês, também duas vezes.

Agora um Geraldo e uma sugestão.

«Há pouco ao ler «O Gaiato» tive uma ideia: a de os «Geraldos» construir uma casa do Património. Acontece que somos tão raros que é difícil encontrar dois. Mas isso não é caso para desistir.

Embora muito ocupado, poderei dar-me ao trabalho de os procurar e possivelmente levá-los a contribuir.

O Senhor Padre Carlos comprava aí um mealheiro desses ordinários de barro para o qual mando selos (a dar é como deve ser: tudo e sem contas) e punhalhe um rótulo: Casa dos «Geraldos» por exemplo. E pronto: tudo está resolvido. Cada vez que um Geraldo passe por aí ou envie para aí dinheiro para a CASA DOS GERALDOS irá para o mealheiro fazer lugar para mais.

Mando vinte magros escudos para a Casa dos Geraldos. Se for eu o único Geraldo a dar o provento é meu e se Deus me ajudar, pataco aqui, pataco ali, lá hei-de chegar sem morrer de fome. Já outros se lançaram a maiores tarefas, muito maiores, e venceram. Coragem e confiança em Deus é que é preciso.

Tudo o que não é caridade é inútil. Sauda-o de longe com a amizade que Deus deu aos homens um

Geraldo».

Coragem e confiança em Deus é que é preciso... Tudo o que não é caridade é inútil.

Como eu amo o nosso jornal, tribuna sempre disponível, onde Deus faz ouvir a Verdade pela boca de tantos dos Seus Justos! Casas completas, desta vez, foram poucas. Só a Casa do Pai Joaquim e a Casa da Estação Central Telefónica do Porto.

É a vez de diversos que aparecem na procissão de hoje, alguns, na verdade, também já conhecidos.

A Comissão da Queima das Fitas de Coimbra não esquece as suas responsabilidades sociais e entregou 1.000\$ ao Padre Horácio.

O Abílio da Beira, cem por duas vezes. Excessos de pagamentos do Gaiato e de trabalhos nas nossas oficinas. «60\$ são, como de costume, o que os meus três netos mandam para uma telha». 500\$ de Lisboa, da R. D. Rodrigo da Cunha. Mil, no dia 30/3, com outro tanto para o Calvário. Cem no Lar. O mesmo do Porto, por vale 070311. 163\$ «pelo bom resultado de um exame». 140\$ do Laboratório Normal e mais 10\$ do Café Monteneve.

No Montepio em Lisboa, 3.000\$ ali depositados por uma Luisa. Maria Amélia, pelo aumento do marido. De Estarreja 600\$. E uma «pequena pedra» da Maria do Resgate.

Para a Casa de Nossa Senhora de Lourdes duas Marias deste nome com 20\$ cada; uma de Lisboa, outra de Bragança.

A terceira e quarta prestações de 100\$ para a Casa da Avó Ema. A 24.ª e a 25.ª para a Casa do António e do Fernando, que assim atingem os 2.500\$. Com

igual quantia o pessoal da Be-larte completou a sua casa. Mas foi quase tudo do Pessoal do Porto. O de Lisboa parece que anda um pouco ensonado. O assinante 6.290, cinquenta a cinquenta já vai na 20.ª prestação.

Duas pedras de quinhentos para o Lar de S. José. O do plano decenal entregou as 2.ª e 3.ª pedras deste ano. Mais outro que acaba com uma bolada de dois mil. É da Av. Guerra Junqueiro, Lisboa. Um casal muito simpático manda duas cartas da mesma sorte e os primeiros mil para a Casa de Santa Filomena, com pedidos de orações pelas melhores de parente querido.

De Envendos para a Casa dos Professores. Um Saraiva que começa com 50\$. Mais um vale de duzentos da Maria Luisa de Lisboa.

Outra casa começada por um alicerce de mil. É a casa «Por alma de um José».

Mais a prestação de Março para a Casa de Nossa Senhora da Espectação e esta carta:

«Escrevo-lhe em Sexta Feira da Paixão do Senhor.

Logo à tarde, à hora em que Jesus morreu na cruz, espero estar a Seus pés a pedir-lhe que me conceda a graça de terminar esta casa, em atenção às necessidades da família que a irá habitar. São tantas a precisar! Tantas famílias que esperam que os homens abram o seu coração aos chamamentos divinos!

Sábado à noite houve uma procissão. Gostaria que visse, Senhor Padre Carlos, como pessoas rudes seguiam Aquele que, como eles, foi operário e ganhou o pão com o suor do rosto, embora Deus!

Aqui, o ambiente é mau, o trabalho duro e perigoso, o clima áspero, a paisagem dantesca. Então? Imprecações, gritos de revolta, punhos cerrados e erguidos contra o Céu? Não! Cantigas de Amor!

Com os fatos de trabalho enlameados, barba de dias, lá seguiam cantando o Amor d'Aquele que por amor morreu. Eram muitos? Eram bastantes! Por muito menos Deus teria perdoado à cidade maldita de Sodoma.



Uma corte de animais? Não. Aqui mora gente !!

O que não terá merecido aos olhos de Deus aquele punhado de homens!

Todos os dias, pelo menos algumas gotas do seu sangue caem



Na pré-História o condicionamento da era arrasta o homem às cavernas para se abrigar do tempo e refugiar das feras.

Estas vidas, que arqueólogos prescrevem cuidadosamente e curiosos estudam com passatempo, ao que parece, retornam. Estamos mesmo em regresso claro a idêntico panorama. As furnas de Monsanto o atestam. São uma cópia fiel. Hoje, contudo, o mal brota de outra fonte. Não é o atrazo duma civilização, mas o desfecho lógico do erro de orientação dos mentores hodiernos, nesta pseudo-civilização que esquece o homem.

Falar das furnas de Monsanto é premir a corda gritante deste mesmo erro. Aqui, são noventa e oito famílias encostadas aos barrancos das pedreiras. Não é coisa de espanto, em face de aglomerados maiores e de semelhante espécie. O que aflige sobretudo é a pausa e conformidade destes moradores de antros. Parece-lhes isto natural. Antes, ele não se lhes afigura natural: não conhecem outra saída. Por isso, se resignam a sofrer em silêncio o pecado de omissão de que são vítimas inocentes. Não atinam com paragens menos sombrias. Procuram, pois, estas. Assentam arraiais, não provisórios, mas definitivos. Seres humanos sem esperança! Ninguém como eles sen-

te e se amargura com o caminhar da opulência e da miséria em sentido tão diametralmente oposto. Uma e outra distanciam-se cada vez mais. O abismo cavado torna-se intransponível. E os Pobres resignam-se.

No inverno acabado, um dos muitos, que não aguarda coito superior às furnas, começa a perfurar a encosta para se refugiar com mais aconchego. Trabalha com denodo. A rocha cede, aos poucos, uma cavidade prometedora do abrigo quente e resguardado para a família. Mas, em hora de suor para conseguir a suspirada habitação, a barreira desmorona-se e vem soterrá-lo. Assim ficam uma viúva sem marido e três orfãos sem pai e sem casa. O mais velho de onze anos veio connosco e agora come do nosso caldo.

Aquele homem é o símbolo da luta inglória e heróica pela sobrevivência. É um herói nacional, porquanto a causa por que batalhou, diz respeito à nação e tem muitos mais lutadores. Deu a vida pelos seus, na tentativa frustrada para obter um recanto para eles. O anseio pela casinha própria é de quase toda a população portuguesa, segundo se reza na Assembleia.

Padre Baptista

## SETUBAL

Cont. da pág. UM

«Por alma de meu pai» vinte e roupa usada na «Sopeirinha». No Setubalense cinquenta e mais vinte e mais cem.

A Herdade de Palma vem com

sobre a lama pegajosa em acidentados de trabalho. Todos os dias!

É uma guerra, que nada tem de fria, do homem contra uma natureza bravia, para a dominar

o seu contributo que tenta aumentar. Este ano foram seis mil!

A um vendedor, num envelope, cem! Mais vinte! Da freguesia da Anunciada 350\$.

Visitantes trazem roupas e calçado e desejos de nos verem! Mais visitantes com trinta e com 150\$ e o nome escrito na nota e mais com vinte e 200\$ e roupas. A andorinha manda as suas bicadas para a Conferência. De N. C. de Stanleyville chegou-nos às mãos os primeiros 500 frs. Algum que ao longe vibra. Comunicação é o termo. A caridade não tem fronteiras! Do assinante 5.139 cem e 50\$ para o «Doutrina»; do 10287 cinquenta. A agradecer ao Pai Américo um favor obtido 87\$50. Duma senhora amiga vinte por duas vezes e mais quarenta.

Azeitonas e outras coisas boas da Quinta do Anjo. Material de sapataria de Palmela. Plásticos para as camas dos chamados humedecidos. Um pipó de vinho na Páscoa.

De um amigo dos Rapazes dez e mais vinte por três vezes, artigos escolares, roupas usadas, novas e calçado que são verdadeiros mimos e uma invasão de amêndoas de fartar todos os rapazes nestes dias felizes da Páscoa. A delicadeza e o gosto com que vinham condicionadas espelham a dedicação com que foram oferecidas e mendigadas!

Cont. na 4.ª pág.

Cont. na 3.ª página

# COLISEU!

A nossa festa anual realiza-se no Coliseu do Porto

**DIA 22 DE MAIO**

Os bilhetes já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54; todos os dias nas bilheteiras do Coliseu

# COLISEU!

# VISTAS DE DENTRO

JÁ uma vez aqui se disse de como eu fui encontrar uma folha com a ordem de serviço dos sacristães.

Pois outro dia fui surpreendido pela presença do Jorge duas semanas a fio. Aos primeiros dias não reparei, mas lá para o meio da segunda semana, comecei a sentir que já era Jorge há muito tempo e perguntei-lhe porquê.

Fôra o Ramada que tinha sabido por portas e travessas que amigo Jorge era freguês das hóstias e convocou assembleia geral dos sacristães para estudar o problema. Resultado: a sentença sumária de semana a repetir.

Ora muito bem. Castigar os que erram é obra de misericórdia. Praticá-las é bem para todos e condiz com o ofício de sacristão. Porém, aquele gesto não foi fruto, somente, do zelo da justiça. Foi um belo pretexto para Senhor Ramada e sócios seus atrazarem em uma semana a nova entrada ao serviço.

Eu não disse isto ao Jorge, mas ele, ao ler o jornal, vai ficar sabendo que, apesar das hóstias comidas — o que não está bem, não senhor! — eu fui um bocadito por ele contra o rigor implacável dos juizes.

Só quem vive aqui dentro vai conhecendo as manhas que por cá moram.

Acontece às vezes, no inverno rebentarem os canos da água de Calves, de tanta que é, e aqui só se dá conta quando o depósito fica vazio.

Ora no inverno a água é fria e esfregar pouco apetitoso. Que descobriram os da Casa-Mãe? Foram-se ao depósito e fecharam-no e vieram dizer que não havia água, para terem pé de ir buscar da quente.

O pior é que depois ela faltava para lavar a louça!... Mestre «Russo» entrou de não gostar da coisa e refilou. Refilou não só de direito, mas de facto. Foi-se ele também à torneira da água quente e fechou-a.

E eis-nos no coração do drama: A senhora queria a Casa-Mãe esfregada. Os esfregadores, que não tinham água. O «Russo» que não dava da quente. Tudo ralhava e ninguém se entendia.

Até que, à força de repetido, o caso começou a tornar-se suspeito e deu-se oom a marosca dos esfregadores da Casa-Mãe.

Eu cá não tive notícias oficiais de nada, mas constou-me que na cozinha trabalhou a colher de pau.

«Caracas» não é mau rapaz, mas tem lá a sua neura. Volta e meia resolve fugir e anda por lá um dia ou dois, mas breve a polícia lhe deita a mão.

O melhor é quando ele vem, ouvir as suas aventuras a res-

peito dos polícias: «Eu finta-va os gajos!»

Pois Caracas, que aí vai ao lado em foto, todo «tirone», há dias meteu-se em outra aventura, mas desta feita, culinária. Achou por lá uma clara de ovo e entendeu mal empregado deixá-la assim. Veio à cozinha e resolveu fritá-la em cima da chapa do fogão.

Os senhores não queiram saber o que foi ali de rir!

**A CONTECEU** há dias uma «descoberta» que os senhores psicólogos e pedagogos fazem favor de registar.

De Amarante tinham chegado umas árvores para o povoamento florestal da nossa aldeia. Plantou-se uma atrás das escolas que era lugar muito despido. Dias depois passo por ali e vou dar com a árvore partida e no chão. Fiquei bravo! Chamo os da Casa-Mãe e ponho o problema: Ali é lugar proibido para recreio; só os da Casa-Mãe fazem por lá caminho, por môr de buscar batatas ao celeiro das ditas. Logo... entre eles devia estar o faltoso. E marquei prazo para me darem resposta.

Houve grandes movimentos de investigação na Casa-Mãe, aquele dia. À noite suspeitas muito prováveis recaíram sobre o Figueiredo.

Eu tinha saído. Rapazes procuravam-me por toda a parte, em vão. O suspeito esperava, à ordem de todos. Resolveram chamar o Rocha. Este tenta «confessar» o Figueiredo e nada!

Foi então que surgiu a grande «descoberta» que os

senhores psicólogos e pedagogos farão o favor de registar. Rocha põe a mão no coração do Figueiredo. Vai à senhora e pede que lhe conte as pulsações. Iam por aí fora!

«És tu. És tu, de certeza!»

E o Figueiredo, traído pelo bater do coração, confessou que havia sido.

**HOJE**, ia a pegar na máquina de escrever... e dou com o sítio. Mando perguntar ao Bonifácio e, entretanto, dirijo-me ao escritório do Senhor Padre Manuel António.

Ocupadíssimos, ele e um secretário de ocasião, dactilografavam um grande mapa para o importantíssimo campeonato de ping-pong que — segundo deparei — se vai realizar sob o alto patrocínio de S. Rev.ª.

Sr. Padre Manuel é um grande aferroado pelos desportos, ping-pong, em particular. A modalidade anda agora em maré alta e conta valerosos praticantes. Ainda há dias houve renhida disputa com os nossos da Casa de Miranda, que desde há mais tempo se dedicavam com persistência a este jogo.

Segundo me constou, vai também começar-se a praticar o Voleibol. E Sr. Padre Manuel riem-se-lhe os olhos quando se fala no rink de patinagem! Ora vejam os senhores como os desportos têm agora cá em casa o seu «padre protector»!

**EU** ando muito cansado de viajar. Ele Beire, ele Porto, ele uma saltada às ou-

tras Casas do Gaiato, ele o Património que é o grande comilão dos meus quilómetros mai-los do Padre Horácio. De sorte que quando chego à garagem para pegar no carro, às vezes até me apetecia que ele não andasse, para também eu não andar!

Outro dia saí com o Tomar. Foram três dias por lá. Arranca daqui para acolá... até já me doia o assento de tanto automóvel! E queixei-me. Resposta do meu companheiro: «Tenha paciência senhor padre. Apanha-se uma cornada... e continua a tourada.»

E eu tive de me calar... e continuei.

**ULTIMAMENTE** tenho sido muito contrariado pelo meu amor à beleza. Vou para Beire e é a senhora que quer ter muitas galinhas e perus e uma casa especial para cortar e guardar a borra e outra pra cortar a hortaliça e que eu lhe abra uma porta aqui e feche outra acolá e que deixe lá a estética, que ela não enche barrigas. Volto-me para Miragaia, onde se vai fazer um acrescento à Casa das Criaditas para que possam ampliar a sua actividade e temos a mesma reacção. «Deixe lá o alpendre. A gente precisa de aproveitar o espaço todo.»

«Mas olhe a Casa que ficava assim tão bonita!» — arrisco eu. Mas nada! Que o aumento foi ditado pela necessidade de mais espaço e não por amor da estética... e pronto.

Há pouco era o Relatório de 1957, que agora se imprimiu em separata. Júlio, na parte que trata do Património dos Pobres, põe-lhe uma gravura de um caso impressionante de miséria, mas maior do que a largura do texto. Eu refilou. Que ficava feia a folha assim. «Ora!... Vale mais a imagem do que a estética!»

E eu tive que me resignar.

**AQUI** há tempos houve uma remodelação nos alojamentos da casa 1. Eu tencionava vir a ocupar o meu primeiro quarto e tratei de o reservar. Mas não sabia que ele tinha mais pretendentes.

Eis senão quando me surge um «requerimento» do Domingos, espécie de memória justificativa da sua pretensão, apoiada, além do mais, no facto muito exacto de eu dormir em vários quartos e, portanto, de poucas vezes vir a usar aquele que ambos desejávamos.

O melhor é dar aqui o dito «requerimento»:

«Sr. Padre Carlos.

Eu preciso daquele quarto porque é espaçoso: e queria-o assim porque quero fazer do meu quarto uma biblioteca para ampliar os meus parcos conhecimentos. Queria criar nele um pouco do meu «eu»: Vontade de saber. Quero fazer uma espécie de laboratório. E

quero também fazer dele uma selectividade. Imprimir um pouco de bom gosto para poder encontrar nele um ambiente de lar, mas que infelizmente, para ser melhor, falta-lhe o principal, que ando à procura: uma alma de mulher.»

Domingos tem 24 anos. Fez a tropa e é oficial impressor. Ora na parte estética teve ele mais sorte do que eu tenho nas minhas querelas desta sorte — porque eu cedi-lhe o quarto.

Deus lhe dê a graça de em breve encontrar «o principal, que ando à procura: uma alma de mulher».

**MAIS** um drama. Nós somos uma casa deles! (Mas este vai aqui quase por imposição, que o causador fui eu!)

É o caso que não havia guarda-chuva que me resistisse. Se o pousava em algures e à saída sucedia a chuva ter cessado, aí ficava ele. Envergonhei-me de pedir ao Bonifácio mais guarda-chuvas da Cooperativa e experimentei pegar no primeiro que achasse à mão sempre que me fosse preciso.

A experiência resultou, porque até à data não perdi nenhum. Resultou sim, mas não 100%. Ainda não perdi nenhum, mas fui-os juntando no Morris, de onde me esquecia de tirá-los, no regresso. Ora aconteceu que os donos dos respectivos desataram à procura, mas em vão. Sr. Padre Manuel António era um deles. Eu ainda não confessara o novo sistema de me abrigar da chuva. Certamente se fizeram juízos temerários, mas não de mim.

O pior foi quando o Quim, que se não erro — era outro dos queixosos, deu com três deles — o seu incluso — dentro do carro!

Fiquei desmascarado e perdi o crédito! Agora, nem que esteja inocente, quando faltar um guarda chuva todos pensam mal de mim.

## SETÚBAL

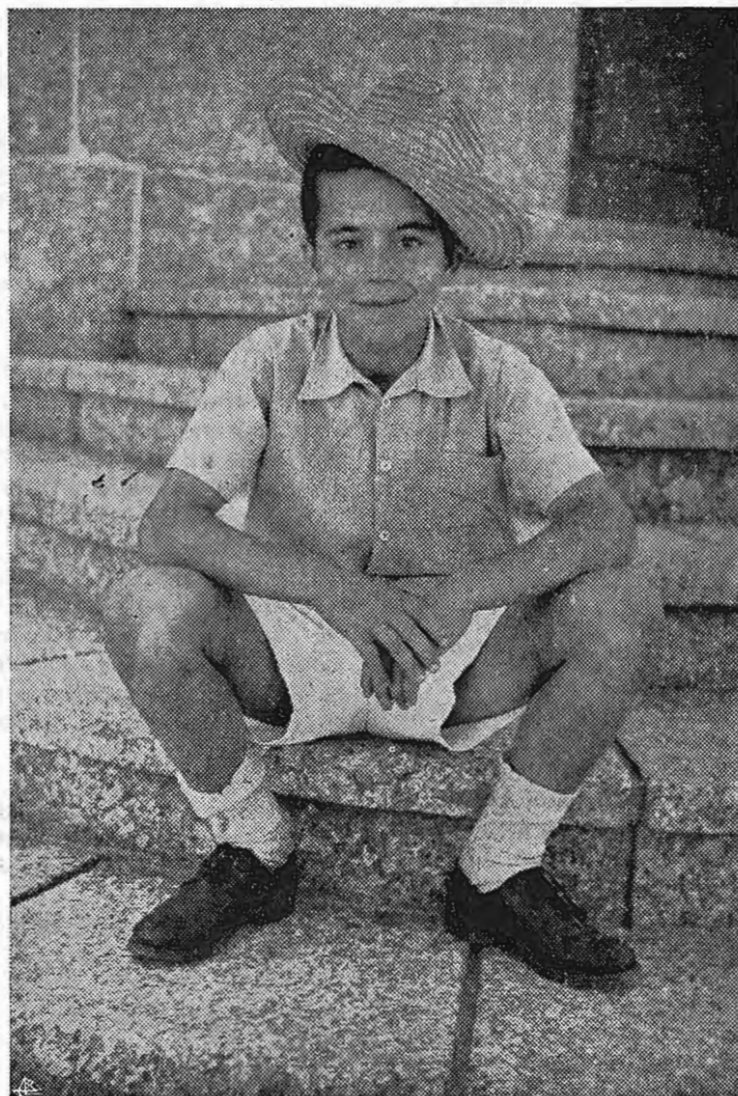
Cont. da 2.ª pág.

Assim pudemos fazer melhor da nossa Páscoa uma festa alegre de família. De Coruche, uma filha de Setúbal manda uma carta cheia e cem. Em S. Maria vinte. Para a família que vive na toca, cinquenta e vinte para a Conferência. Uma admiradora oferece cem «em memória de entes queridos».

30 bilhetes para vermos o grupo montijense. Duma Maria recebemos 500\$ por dez intenções. Deus é testemunha.

Nun falso dia de anos, amigos que escondem o nome mandam-me pano para uma batina com saudações «ad multos». Engano feliz! Por Cristo tanto vestimos o remendado e velho, como o novo que por Seu amor nos é dado!

Padre Acílio



O Caracas, todo «tirone».

